

## Resenha

AQUINO, Prof. Felipe. *Para entender a Inquisição*. 3ª ed. Lorena: Ed. Cléofas, 2010, 304p., ISBN: 978-85-88158-56-6.

Edison Minami\*

A Inquisição acabou há quase duzentos anos na Península Ibérica, varrida pela onda de Liberalismo político que percorreu a península em inícios do séc. XIX. Do ponto de vista prático pouco haveria porque retomar um assunto há tanto passado.

Mas não é isso o que acontece em escolas e cursinhos pré-vestibulares, jornais, revistas, programas de televisão. O assunto é trazido de volta vez e outra, sempre se insistindo nas mesmas imagens: falta de liberdade religiosa, tortura, obscurantismo, ignorância, teocracias reprimindo minorias inocentes, etc. Se pega em bloco, sem a menor crítica sobre as fontes do período, quase mil anos e se joga em pleno séc. XXI. Natural que cause horror aos homens e mulheres do nosso século. É esse tipo de *Lenda Negra* que o Prof. Aquino ousou denunciar em seu livro *Para entender a inquisição*.

Apesar de não ser um historiador profissional, Aquino fez um belo trabalho de compilação de autores sobre o assunto: os apologetas brasileiros Boaventura Kloppenburg e Estevão Bettencourt (*Revista Pergunte e Responderemos*); passando pelos autores mais consagrados sobre o assunto como Jacques Le Goff e Georges Duby; chegando a abordar autoridades pouco utilizadas como o *Simpósio Internacional sobre a Inquisição* (1998) realizado no Vaticano.

Aquino denuncia com vigor o que ele considera parcialidade e má fé entre intelectuais que apregoam a *visão dos vencidos sobre os vencedores, a história das mentalidades, a micro história, a história das Instituições*, etc., correntes modernas da historiografia que procuram compreender o modo de pensar de uma época em seu momento histórico.

---

\* Graduado, mestre e doutor em história social pela Universidade de São Paulo. Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull). Email: <edison.minami@hotmail.com>.

O estilo de escrita do livro é leve e de fácil entendimento, ao contrário de muitos manuais escolares e apostilas que são de difícil entendimento mesmo para professores e alunos do secundário. Aquino se utiliza de imagens marcantes para fazer comparações entre o nosso modo de pensar e o dos medievais, tentando mostrar que o que para nós é absurdo – a defesa da religião – para os medievais era algo normal.

Aqui é preciso fazer uma ressalva sobre o papel civilizador e inédito atribuído à civilização cristã ocidental, identificada por Aquino como o ápice da humanidade frente às demais civilizações, tese polêmica que deveria ter sido melhor desenvolvida. Se Aquino refletia sobre o papel do valor do ser humano como imagem e semelhança de Deus, ainda seria possível defender sua posição. Mas como isso não fica bem claro, considero o ponto mais baixo de sua argumentação.

A obra se divide em várias partes. Da p. 11 (Introdução) até a p. 24 (Simpósio do Vaticano sobre a Inquisição) Aquino nos mostra que a grande preocupação da atual direção da Igreja Católica é purificar a imagem idealizada pelos detratores do catolicismo e mostrar o que realmente aconteceu. Aquino mostra que a Igreja Católica, ao contrário do que se costuma apregoar quer passar o passado a limpo.

A partir da p. 25 até a p. 78, Aquino inicia um exaustivo trabalho de apresentação da mentalidade medieval: um mundo violento e rude por natureza, onde as questões de consciência e fé sobressaiam sobre as demais e influenciavam a política da época. Aquino não esquece as grandes disputas religiosas da época: o gnosticismo, a separação entre ortodoxia e latinidade. Aqui Aquino não deixa de citar a forte presença da política de reis e senhores feudais na vida da Igreja cristã, fundamental para entendermos como o “braço secular” era meio para a execução das penas capitais.

É a partir desse ponto que Aquino trata das origens da Inquisição Medieval (p. 79 e segs.). Aquino segue um roteiro já trilhado por João Bernardino Gonzaga (*A Inquisição em seu tempo*. Ed. Saraiva). O livro de Aquino obedece até mesmo à ordem dos tópicos: estado de vida do povo medieval; a justiça na Idade Média; bruxaria, feitiçaria e heresia – características; procedimentos judiciais – denúncias secretas, tortura, execuções públicas.

Aquino mostra como esses procedimentos, intolerantes para o homem moderno eram aceitáveis para o homem medieval, consciente da importância da unidade religiosa em seu meio. Aqui Aquino poderia ter colocado como contraponto a Europa mediterrânea dos sécs. X-XIV, em especial a Península Ibérica e o exemplo da Catalunha medieval, onde a situação de judeus e muçulmanos era relativamente boa frente aos cristãos recém conquistadores. Francisco Domingues Reboiras (Univ. de Frankfurt) em um artigo intitulado *La España medieval – frontera de la Cristiandad*, já havia demonstrado a tolerância dos mediterrâneos frente aos europeus do norte. Os tristes episódios ocorridos durante as Cruzadas com as comunidades judias alemãs (Os chamados *Kidush Hashem*, suicídios em nome da manutenção da pureza da fé) comprovam esses tristes fatos em contraponto a Afonso X – o sábio, que se orgulhava de governar sob as três religiões monoteístas, ou um Raimundo Lúlio que sonhava com um trabalho de catequese entre os não católicos no Norte da África. Aquino só fala de Inquisição em Portugal e Espanha a partir do séc. XV, quando um projeto de unificação e padronização dos costumes em pleno andamento tornou inconcebível a diversidade política e religiosa dentro da nação.

O ponto mais polêmico de seu livro é quando Aquino debate com aqueles que acusam a Igreja de abusos durante os séculos XII-XIX, mas pouco ou nada tratam sobre as perseguições na Europa do Leste entre os séculos XVI a XVII, ou as perseguições ideológicas do século XX (comunismo, nazismo). Aquino chega a dizer que:

Nosso século não tem a mínima autoridade moral para condenar a Idade Média e a Inquisição; pois mesmo nos seus piores momentos, ela não pode ser comparada com os horrores dos regimes totalitários do séc. XX: a Primeira Guerra Mundial matou cerca de 16 milhões pessoas; a Segunda fez 50 milhões de vítimas; o nazismo assassinou 6 milhões de judeus e o comunismo ateu levou à morte milhões (p. 272).

Aquino cria o contraponto entre a Inquisição nos sécs. XIII até XIX com as perseguições dos sécs. XX-XXI. Aquino fala de Inquisição no protestantismo, o processo dos templários, de Galileu, Joana D' Arc e Giordano Bruno, as perseguições contra os cristãos no México, Espanha, Japão, demonstrando como é parcial acusar os cristãos medievais de perseguição, enquanto os inimigos do cristianismo saem da História, impunes.

Ao terminarmos a leitura do livro do Prof. Aquino temos a certeza de que não lemos um simples manual de história ou um livro de apologética, mas o desabafo de um cristão que ama sinceramente sua fé e não concorda com as acusações feitas contra o Cristianismo. De fato, o atual pontífice (Bento XVI) tem denunciado a *Cristofobia*, a repulsa à herança cristã no ocidente.

Aquino é partidário dessa crítica à sociedade moderna. Mas ele a critica por não ver que a Idade Média forjou o mundo moderno e contemporâneo.